

Identidades masculinas "não hegemônicas" e ações de cuidado à aids "progressistas" na Casa Fonte Colombo em Porto Alegre ¹

Fernando Seffner²
Richard Parker³
Luana Rosado Emil⁴

Resumo

A Casa Fonte Colombo é uma organização religiosa dedicada à assistência de pessoas vivendo com aids. O financiamento de suas atividades combina verbas públicas (Programa Nacional de DST/AIDS) e verbas da Igreja Católica. É dirigida por padres capuchinhos, e conta com extenso grupo de voluntários, majoritariamente mulheres. Entre os anos de 2006 e 2008 vivemos o cotidiano da Casa, entrevistamos freis capuchinhos, voluntárias, funcionárias e usuários, assistimos aos encontros, reuniões e momentos de celebração. As ações levadas a cabo no dia a dia da Casa revelam, a todo o momento, os esforços em resolver a tensão entre posições da igreja católica e posições das políticas públicas de aids do estado brasileiro. Estes esforços permitem afirmar que a Casa tem-se apresentado como um espaço onde tanto as posições da Igreja Católica quanto as orientações das políticas públicas de saúde passam por um "re-trabalhamento", dando corpo a uma ação católica "progressista" de prevenção e assistência à aids. De modo simultâneo a este processo, e em estreita conexão com ele, observamos a produção de identidades masculinas, por parte dos freis capuchinhos, que escapam à masculinidade hegemônica da tradicional figura religiosa, permitindo analisar as implicações entre as políticas de saúde efetivadas na casa e a construção das identidades masculinas dos seus executores. Esta pesquisa insere-se em projeto maior que investiga um conjunto de respostas religiosas a aids no Brasil, coordenado pela ABIA.

Abstract

House Fonte Colombo (Casa Fonte Colombo) is a religious organization that provides assistance to people living with AIDS. The activities of this organization are financed by the National AIDS/STD Program and from the Catholic Church. Directed by priests and fryers, the organization depends also on an extensive group of volunteers, most of which are women. During two years, from 2006-2008, we experienced the quotidian of this House by conducting interviews with fryers, volunteers, staff and users, as well as by attending encounters, meetings, and ceremonies. The day-to-day activities of the

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil, no Fórum de Pesquisa "Religião, gênero, sexualidades e reprodução". Agradecemos à colaboração e convívio intelectual com os bolsistas de iniciação científica Marcello Felipe de Jesus Múscari (Projeto Respostas Religiosas ao HIV/Aids no Brasil – ABIA); Carolina Peres Terra e Mayara Annanda Samarine Nunes da Silva (Observatório Interdisciplinar de Direitos Humanos da UFRGS – Grupo de estudos sobre liberdades laicas – Fundação Ford).

² Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Columbia University, Mailman School, New York, United States.

⁴ Acadêmica do Curso de Ciências Sociais da UFRGS e bolsista de iniciação científica da FAPERGS – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

House reveal that there are ongoing efforts to negotiate tensions between the positions of the Catholic Church and the Brazilian state. These efforts allow us to observe that this is a space where the positions of the Church and state policies of public health go through a "reconfiguration" - giving body to what can be described as "progressive" actions for prevention and assistance for AIDS. At the same time, we observe a linkage between these services and the production of masculine identities of the fryers, who have can escape the norms of the hegemonic masculinity of a religious figure. This permits the analysis of the implications of the interaction between the public health actions carried-out in the House and the construction of the masculine identities of the fryers who direct such services. This analysis is part of a larger research project on the religious responses to AIDS in Brazil, coordinated by the Brazilian Interdisciplinary AIDS Association (ABIA).

Palavras chave

Aids – igreja católica brasileira – masculinidades

Key words

Aids – brazilian catholic church – masculinities

1. Apresentação

Uma simples proposição: usar preservativo nas relações sexuais. Dois atores apenas: a igreja católica e o programa brasileiro de aids. Mais não é necessário dizer, pois o enredo é conhecido de todos. Você, caro leitor, seria capaz, certamente, de escrever de improviso uma ou duas laudas sobre esta relação igreja e estado no que se refere ao uso do preservativo. Não faltaram ao longo dos anos declarações públicas, notas oficiais, pesquisas de opinião, debates pela TV, entrevistas com representantes dos dois lados, pronunciamentos papais, pronunciamentos de ministros, capas das principais revistas e jornais inúmeras vezes, dentre muitas outras iniciativas. No lançamento de cada campanha de prevenção à aids (no período do carnaval, por exemplo) os repórteres correm a entrevistar os representantes da igreja católica, e praticamente já sabem o que vai ser dito por eles. O Programa Nacional de DST/AIDS (PNDST/AIDS) e os representantes públicos da igreja católica brasileira travam há décadas uma guerra sem quartel em torno desta proposição. Aparentemente, as posições não experimentaram

nenhuma modificação substancial, pois a igreja católica enfatiza desde sempre sua oposição ao uso da "camisinha", que já transitou por acusações de ordem técnica ("a camisinha deixa passar o vírus") até as questões de ordem moral ("usar preservativo se opõe aos ensinamentos morais da igreja"). Por vezes, temos uma mescla de motivos na mesma afirmação: "além de que o uso de preservativos não é 100% seguro, liberar o seu uso convida a um comportamento sexual incompatível com a dignidade humana [...] O uso da chamada camisinha acaba estimulando, queiramos ou não, uma prática desenfreada do sexo [...] O preservativo oferece uma falsa idéia de segurança e não preserva o fundamental" ⁵. Por outro lado, o PNDST/AIDS e os vários programas estaduais e municipais de aids se especializaram em elevar o uso da camisinha à condição de sinônimo absoluto da prevenção à aids. A presença de camisinhas nas propagandas de prevenção à aids, ou frases alusivas á ela e ao seu uso, constituem presença certa nos materiais educativos do governo brasileiro.

Para criticar as posições da igreja católica brasileira em relação ao uso do preservativo como fator de prevenção da aids a frase "a igreja católica não se atualizou", em suas inúmeras variantes (a igreja diz uma coisa e os fiéis fazem outra; mudam os tempos e a igreja não muda; a igreja confunde o uso do preservativo com sexo promíscuo; etc.) é um verdadeiro lugar comum, de tão repetida. Vale lembrar que por vezes a discussão está mais concentrada naqueles espinhosos temas trazidos pela aids, tais como homossexualidade masculina, prostituição, uso de drogas. Por outro lado, o governo brasileiro pode orgulhar-se de seu programa nacional de aids, que é muito bem avaliado nos fóruns internacionais, e cujos resultados positivos estão à vista de todos, em particular na área da assistência. Mas na área da prevenção as dificuldades são ainda muito grandes, e as posições da igreja católica "não ajudam" conforme reiteradamente as autoridades manifestam.

Foi para examinar com mais atenção esse campo político, onde parece que nada existe de novo, onde parece reinar o "pensamento único", que a ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, em parceria com o Centro de Gênero, Sexualidade e Saúde da Escola de Saúde Coletiva da Universidade de Columbia (Nova Iorque), estruturou um projeto de pesquisa de longo prazo. Busca-se desenvolver uma análise comparativa das

⁵ Pergunte ao Papa, Augusto Silberstein, Legnar Informática e Editora Ltda, SP, pg. 57. Capturado em <http://www.reinodavirgem.com.br/doutrinamoral/sintovergonha.html> acesso em 25 de abril de 2008.

várias maneiras como a religião católica, as religiões evangélicas (protestantes históricos e pentecostais) e as religiões afro-brasileiras têm respondido ao HIV/aids no Brasil, nos níveis populacional, institucional e político. É no interior desse projeto que estamos desenvolvendo o trabalho de campo e os estudos que deram origem ao presente texto⁶.

O Projeto de Pesquisa Respostas Religiosas ao HIV/Aids no Brasil está estruturado para investigação em dois níveis: a) coleta de dados e acompanhamento de ações locais em quatro sítios – áreas metropolitanas de Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Recife – e b) coleta de dados em instituições de âmbito nacional sediadas em Brasília, envolvendo tanto as organizações religiosas ali centralizadas quanto instâncias do poder federal na área da saúde. Utilizamos uma combinação de metodologias (qualitativas e quantitativas), que incluem pesquisa em arquivos, acompanhamento do noticiário da imprensa, observação participante em grupos e celebrações, entrevistas com informantes-chave, histórias de vida e estudos de caso. Com isso buscamos documentar a importância que cada uma dessas três religiões tem atribuído à questão da aids. Visamos também avaliar, por meio dos estudos de caso, as maneiras como as respostas de cada tradição religiosa têm interagido com a comunidade local, com o universo mais amplo da sociedade civil, com grupos populacionais específicos (como os jovens, por exemplo) e com as agências específicas do Estado Nação (programas de aids em nível municipal, estadual e federal, por exemplo), produzindo impactos sobre uma mais ampla resposta à aids. A ênfase no Estado Nação está relacionada à questão da laicidade do Estado e das políticas públicas, pressuposto constitucional brasileiro e um dos quesitos de investigação.

Dentre os estudos de caso conduzidos no campo Porto Alegre do Projeto Respostas Religiosas ao HIV/Aids no Brasil, encontra-se o que se debruça sobre a Casa Fonte

⁶ Os dados coletados para a elaboração deste artigo resultam da pesquisa Respostas Religiosas ao HIV/AIDS no Brasil (Projeto financiado pelo U.S. National Institute of Child Health and Human Development, 1 R01 HD05118-01. Principal Investigador: Dr. Richard Parker – Columbia University). O estudo, de abrangência nacional, é realizado em quatro sítios específicos, nas seguintes instituições e com os respectivos coordenadores: Rio de Janeiro (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS/ABIA – Dr. Veriano Terto Jr.); São Paulo (Universidade de São Paulo/USP – Dra. Vera Paiva); Porto Alegre (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS – Dr. Fernando Seffner) e Recife (Universidade Federal de Pernambuco/ UFPE – Dr. Luís Felipe Rios). Informações adicionais sobre o projeto podem ser obtidas pelo e-mail religiao@abiaids.org.br ou através do site www.abiaids.org.br.

Colombo. Entre os anos de 2006 e 2008 vivemos o cotidiano da Casa⁷, entrevistamos freis capuchinhos, voluntárias, funcionárias e usuários, assistimos aos encontros, reuniões e momentos de celebração⁸. A Casa Fonte Colombo, mantida pelos frades capuchinhos, é uma ONG antiga na área de assistência, totalmente voltada ao tema da aids. Ocupa um papel destacado entre as ONGS aids da cidade de Porto Alegre, e é uma referência nacional no campo da sociedade civil. Atualmente, nela também está localizada a secretaria nacional da Pastoral de DST/Aids da Igreja Católica, o que lhe confere uma dimensão bastante importante junto à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB.

A observação continuada das atividades da Casa Fonte Colombo ao longo de tão longo período, acompanhada dos estudos e discussões com achados de pesquisa em outros campos do projeto (Recife, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília) abre a possibilidade de abordagem de muitos temas na relação aids e igrejas. Dentre estes temas temos a questão da laicidade (relações entre estado laico e instituições religiosas na execução de políticas públicas); a questão da cura (no caso específico da Casa Fonte Colombo não existe a pretensão de "cura" da aids na proposta de ação da Casa, mas ela está colocada de modos muito diversos em um sem número de outras situações que envolvem a ação das religiões no universo da aids); as fronteiras entre o cuidar e o evangelizar; a própria definição do que é doença e como uma pessoa "adoece"; dentre outras questões. O tema específico que recortamos para análise neste texto refere-se à produção das masculinidades (ou das identidades masculinas, ou dos estilos de vida masculinos, ou dos modos de subjetivação masculinos) dos agentes envolvidos no trabalho junto a Casa, sejam eles coordenadores, voluntários ou usuários. A "tese" que queremos discutir é: na Casa Fonte Colombo temos um processo em que de modo simultâneo acontece tanto uma produção de "novas" identidades masculinas quanto uma modalidade de resolução da tensão entre as demandas da saúde pública em aids e os ensinamentos morais tradicionais da igreja católica numa direção progressista. O "resultado" desse processo é a emergência de um pensamento profundamente católico e ao mesmo tempo progressista em relação à sexualidade e aids e de notável visão estratégica no

⁷ Agradecemos a Priscila Rodrigues Borges (Projeto Respostas Religiosas ao HIV/Aids no Brasil – ABIA), bolsista de iniciação científica que iniciou o acompanhamento das atividades na Casa Fonte Colombo.

⁸ O projeto foi aprovado no Conselho Nacional de Ética em Pesquisa do Brasil (registro CONEP 12352, parecer 1833/2005), e utiliza termos de consentimento livre e esclarecido em todas as intervenções.

enfrentamento da epidemia, que é pensada em termos simultaneamente do local, do nacional e do global. Ao mesmo tempo (de modo simultâneo como estamos acentuando) os agentes mais diretamente envolvidos nesse processo "produzem-se" portadores de uma identidade masculina que apresenta vários traços que a colocam em sintonia com as chamadas "novas masculinidades" e/ou com o que CONNELL (1995) denomina de masculinidades subalternas. Vale lembrar que não estamos falando aqui de "novidades" absolutas, pois que os modos masculinos de ser que se geram no interior da Casa Fonte Colombo, em especial entre os coordenadores, guardam relações de continuidade com traços identitários desde sempre associados à figura do padre ou do irmão religioso. É disto que vamos nos ocupar neste texto, tentando mostrar que na Casa Fonte Colombo a interface religião e políticas públicas de aids apresenta mais novidades em gestação do que o tradicional debate pela imprensa entre bispos e ministros pode supor. Dito desta forma talvez nossa "tese" possa soar um tanto obscura ou despropositada, mas acreditamos que ao longo do texto será possível esclarecer nossos pontos de vista de modo bastante argumentado. Vale dizer que o que estamos entendendo por "tese" aqui é singelamente seu sentido mais tradicional e corriqueiro: uma proposição que se apresenta para ser defendida e sustentada. Convidamos o leitor a ter paciência e seguir adiante.

Visando uma boa compreensão do que desejamos discutir, o texto está organizado em três partes, algumas delas ainda incompletas para esta versão. Inicialmente, apresentamos a Casa Fonte Colombo no contexto das ONGS de luta contra a aids e no contexto das ações da igreja católica envolvendo a epidemia. Depois fazemos uma discussão acerca do tema da produção das masculinidades. Gostaríamos de ter, exemplificado, sempre que possível, com questões relativas à produção de "modos de ser homem" no universo religioso. Mas encontramos pouca bibliografia sobre o tema, e a maior parte dela constituída de artigos de jornal e boletins, mais preocupados com a denúncia ou questionamento da masculinidade dos padres do que propriamente com a análise do contexto cultural em que tais masculinidades se produzem. Num terceiro momento, discutimos nossa hipótese central: a simultaneidade da produção de novos modos de ser homem em conjunção com o desenvolvimento de uma versão progressista das formas de lidar com a epidemia e com as pessoas soropositivas no âmbito do trabalho de assistência e prevenção à aids desenvolvido na Casa Fonte Colombo.

Produzido para ser apresentado em um fórum de pesquisa da reunião da ABA, este trabalho dialoga também com proposições em dois outros níveis. O primeiro deles, representado por um dos focos que orientam esta reunião da ABA, a saber, as "implicações para o exercício da cidadania no Brasil" das temáticas em estudo, em particular aquelas que articulam questões acerca da "isonomia jurídica, tratamento desigual e concepções de igualdade". A epidemia de aids tem-se caracterizado por uma extensa luta em favor da cidadania e dos direitos humanos dos indivíduos soropositivos, o que envolve questões como as garantias legais no emprego; o direito à assistência e ao tratamento; o direito à prevenção; a possibilidade de abordar complexos temas da sexualidade em diferentes ambientes; etc. A agenda de lutas da aids tem-se revelado, nos últimos dez anos, um poderoso instrumento para dinamizar as lutas pela saúde pública no Brasil e no mundo, dada à dimensão de algumas questões, em particular aquelas ligadas ao estatuto da propriedade intelectual e das patentes de medicamentos, onde os interesses privados e as diretrizes de saúde pública se confrontam.

Num segundo nível, o trabalho insere-se também em algumas das diretrizes estabelecidas para discussão no fórum Religião, Gênero, Sexualidades e Reprodução. Em especial este trabalho envolve a discussão da produção de identidades de sujeitos masculinos, explorando as correlações entre moral religiosa e configurações de gênero. Assim, ele se articula com a diretriz do grupo que lida com "a definição e configuração de políticas públicas", mais particularmente quando "trata-se de refletir sobre definições de políticas públicas levando-se em conta agentes governamentais e religiosos". As questões aqui discutidas orbitam fortemente em torno de duas das palavras chave do grupo: religião e gênero.

2. A Casa Fonte Colombo

A Casa Fonte Colombo é uma organização de assistência a portadores de HIV fundada por Freis Menores Capuchinhos do Rio Grande do Sul, que nela atuam diretamente na função de coordenadores e em diversos serviços específicos oferecidos aos soropositivos. Os fundadores remontam à trajetória que levou a formação da casa partindo da inspiração de São Francisco de Assis, santo que se dedicou ao cuidado dos enfermos. Fica claro, a partir da narrativa dos organizadores da Casa, que o trabalho

com pessoas portadoras de HIV/Aids não foi uma decisão simples, menos ainda um mero acaso, mas “um longo processo de discussão e amadurecimento”, dos Capuchinhos e da Igreja Católica. Esse processo se deu num período, final da década de 90, quando a epidemia já estava presente há mais de dez anos no país. Os primeiros diagnósticos da doença datam de 1983, também ano de criação dos Programas Estaduais de Aids, em São Paulo e no Rio de Janeiro, dando início a resposta do Estado à epidemia. Apenas dois anos depois já temos a resposta da sociedade civil, com o surgimento de organizações não-governamentais, tais como, o GAPA-SP e a ABIA.

A Ordem dos Freis Menores Capuchinhos faz parte dos movimentos de inspiração franciscana, que buscam viver o carisma de São Francisco de Assis optando pela vida simples, pelo cuidado dos doentes e dos animais. São Francisco de Assis inspira muitos movimentos religiosos, ou posturas de vida, nem todos reconhecidos pelo Vaticano. A Reforma Capuchinha é reconhecida pelo pontificado em 1619, atendendo a demanda dos freis, que queriam viver a experiência de São Francisco: "viver o Santo Evangelho em pobreza, obediência e castidade" ⁹.

A eles é permitida a vida fora de mosteiros, e organizam-se em fraternidades "dividindo o tempo entre missão, trabalho e oração". Os frades chegaram ao Brasil em especial com a colonização italiana, e a presença deles no Rio grande do Sul segue o mapa desta colonização, tendo depois se expandido às zonas litorâneas do estado. Neste contexto a Casa Fonte Colombo é considerada uma fraternidade, e a principal ação dos frades que se dá fora de hospitais em relação ao cuidado dos doentes. Ser uma fraternidade significa, conforme os estudos que participamos em uma das experiências de campo, ter uma relação de humildade em relação ao outro companheiro que chamam de Irmão:

Ser irmão significa evitar qualquer comportamento de superioridade. Significa viver a atitude da acolhida e da misericórdia, sem julgamento. [...] Supõe uma relação vital profunda, amorosa, maternal, comprometida e responsável, que vai muito além da amizade e do estar junto. Na fraternidade o outro deve ser outro, ele mesmo e não ser um prolongamento do meu eu. (cartilha Cuidando a Vida nos Passos de Francisco de Assis, Editora São Miguel)¹⁰

⁹ <http://www.capuchinhosrs.org.br/historia.php>, site da Ordem dos Freis Menores Capuchinhos do RS, acesso em 25 de abril de 2008.

¹⁰ Cartilha que recebemos e estudamos durante o Encontro dos Voluntários das Obras Sociais da Província dos Freis Capuchinhos Porto Alegre, Canoas e Bagé em 8 de dezembro de 2007.

Colaborar é o verbo que, segundo os freis, resume a intenção dos Capuchinhos ao se envolverem no mundo na aids. Ao remontarem a história desse trabalho os freis apontam o surgimento de uma necessidade imposta pelas condições da doença, que já se fazia presente também no interior da igreja católica, através de casos concretos de padres infectados. Percebido esse apelo, e ainda sem um suficiente conhecimento técnico acerca da epidemiologia da aids, a primeira tentativa de trabalho foi de montar uma casa de passagem, com serviço de acolhida e hospedagem aos portadores de HIV, atendendo aos que viessem do interior à Capital para fazer exames e receber atendimento médico. No entanto, essa iniciativa revelou-se equivocada, e dois fatores colaboraram para isso. O primeiro é que a expansão da assistência fez com que a maioria dos portadores tivesse atendimento em suas regionais, e a necessidade do deslocamento a capital diminuiu. O segundo fator é que a maior disponibilidade dos medicamentos anti-retrovirais promoveu uma importante alteração na taxa de mortalidade, fazendo com que as pessoas passassem efetivamente a viver com aids, e diminuindo muito os internamentos. Assim os freis modificaram o projeto e em 1999 fundam a Casa Fonte Colombo auto intitulada um *Centro de promoção da Pessoa Soropositiva*.

Acompanhamos de 2006 a 2008 as celebrações e as atividades cotidianas dos voluntários, usuários e coordenadores dos serviços da Casa Fonte Colombo. A Casa se localiza próxima a uma região de prostituição da cidade, no limite entre uma zona industrial e uma zona comercial. O prédio quando visto de fora, não tem nenhuma identificação, e facilmente poderia ser confundido com o depósito de uma empresa. Tal "mimetismo" com os demais prédios da rua é proposital, e segundo os freis tem o propósito de "não permitir que os usuários sejam discriminados, por estarem entrando em uma instituição que lida com aids". Ao cruzarmos a porta nos defrontamos com um espaço organizado, limpo ao ponto do "higienizado", o que lhe confere o aspecto de uma clínica. Numa segunda vista percebemos os símbolos católicos que em nada diferem dos símbolos encontrados em muitos hospitais públicos no Brasil, crucifixos e quadros com imagens, principalmente de São Francisco. As atividades oferecidas na Casa incluem o acolhimento e a assistência aos portadores, e incluem atendimento psicológico e médico, atendimento espiritual dos freis, massoterapia, reiki,

complemento alimentar, doações de roupas, oficinas profissionais, banhos, palestras informativas, encaminhamentos para obtenção de benefícios como o passe gratuito, etc.

Os usuários, como são chamados habitualmente os portadores do HIV que buscam os serviços da Casa, ao chegarem pela primeira vez recebem um acolhimento e posteriormente é feita uma ficha com seus dados. Assim que uma pessoa soropositiva chega a Casa ela recebe esse acolhimento, em geral as pessoas chegam querendo saber mais sobre o que tem e suas possibilidades de viver com aids. Nesta primeira visita é feito "informalmente" um cadastro (geralmente as pessoas chegam sem documentos, ou outras informações necessárias ao cadastramento), que registra as condições familiares e sócio-econômicas do portador.

É visível que a Casa atende indivíduos muito empobrecidos, podendo-se afirmar que, no universo de ONGS aids da cidade de Porto Alegre, ela é hoje em dia a instituição que lida com a demanda da população mais vulnerável portadora do vírus. Essa característica estabelece um diferencial positivo na relação com os programas de aids (municipal, estadual e federal), com os quais a Casa mantém convênios e dos quais recebe verbas via projetos. Outros fatores também fazem com que a Casa Fonte Colombo não seja apenas mais uma protagonista no mundo da aids. Em especial, a Casa é hoje a secretaria nacional da Pastoral de DST/Aids da Igreja Católica, o braço religioso mais importante no Brasil para ações de assistência à epidemia, com ramificações em todo país. Outro fator que distingue a Casa Fonte Colombo das demais ONGS aids é sua vocação para a cooperação internacional, expressa atualmente de pelo menos dois modos: a Casa participa e é coordenadora de diversas redes internacionais (latino americanas, de instituições do terceiro mundo, do mundo todo) que agregam iniciativas religiosas de ações em aids; e a Casa Fonte Colombo foi a instituição escolhida pelo PNDST/AIDS para fazer a cooperação técnica com o Timor Leste, o que se explica, dentre outros motivos, pela presença de freis capuchinhos neste país.

Cada usuário pode freqüentar uma tarde na Casa, pois não há estrutura para atender a todos em todas as tardes. Nesta tarde o usuário escolhe a atividade que quer participar dentre as disponibilizadas no dia pelas voluntárias e pelos freis¹¹. Os freis coordenam o

¹¹ O corpo de voluntários da Casa Fonte Colombo é composto majoritariamente de mulheres, que permanecem como voluntárias por longos anos, havendo algumas que ali trabalham de forma regular

cotidiano da Casa marcando o tempo de cada atividade: o momento da chegada, que é o mesmo da distribuição de roupas; depois iniciam os atendimentos e a oficina do dia; às 16h30min todos se reúnem no "espaço de convivência" para fazer a oração e ir para o refeitório. Os freis voluntários, em geral alunos da Escola de Teologia Franciscana, se capacitam para atender as atividades da Casa, e são alguns deles que aplicam reiki e fazem massoterapia, enquanto outros fazem corte de cabelo e oficina de teatro. As voluntárias da Casa também são especializadas, havendo médicas, enfermeiras, cabeleireiras, assistentes sociais, psicólogas, professoras, e há aquelas que se especializam ali mesmo, como é o caso da "senhora que cuida do banho".

Este conjunto de ações permite aos freis afirmar que a Casa Fonte Colombo tem a legitimidade de "quem faz" no mundo da aids, e a Casa participa de numerosos eventos neste universo, na forma de debates, congressos da área, jornadas, assessorias, programas de mídia, reuniões de trabalho com os gestores de programas de aids, etc. Os freis assinalam que a relação da Casa com outras ONGS aids foi marcada inicialmente pela desconfiança. A igreja católica, tradicional inimiga das ONGS aids, aparecia ali, sentada ao lado nas reuniões dos fóruns, como uma companheira de batalha, o que para muitos não era algo lícito ou mesmo aceitável. A perseverança dos freis na execução dos trabalhos de assistência à aids, e sua participação continuada nos eventos foi derrubando resistências. Segundo a avaliação dos freis, há uma diferença de linguagem, mas não de intenção, entre a fala religiosa e a fala das outras ONGS aids. Problema que não parece estar ligado somente à forma de comunicação, a forma de falar, mas a quem ou o que eles (freis) estariam representando nesses "espaços da aids", ou seja, a indissociável imagem da Igreja Católica. Essa instituição que têm como já apontamos anteriormente, uma longa história de posicionamentos conflituosos em relação às estratégias de prevenção apresentadas pelo PNDSTAIDS.

A Casa Fonte Colombo encontra-se hoje solidamente instalada, tanto do ponto de vista material, quanto do ponto de vista das relações com as demais ONGS aids da cidade e do país. A mesma solidez podemos encontrar na relação da Casa Fonte Colombo com os órgãos governamentais, em especial o PNDSTAIDS e o Centro Internacional de

desde a abertura da Casa. Esta característica de "estabilidade" no conjunto das voluntárias é uma diferença da Casa em relação a outras ONGS aids de Porto Alegre, onde a circulação de voluntários é nitidamente maior.

Cooperação Técnica, órgão que coordena as ações de cooperação do Brasil com outros países na área da aids. A Casa Fonte Colombo também se encontra solidamente instalada no interior da estrutura da igreja católica, e a maior prova disso é que ela atua como secretaria nacional da Pastoral de DST/Aids. Como secretaria desta pastoral, ela atua coordenando as atividades ligadas à aids desenvolvidas pelo país inteiro, em paróquias, comunidades de base, hospitais, outras pastorais, presídios, escolas, e demais ambientes no interior da igreja católica. É no interior desta instituição que reside (os freis moram no segundo piso da casa) e atua um grupo de freis capuchinhos, cujos modos de produção das masculinidades constituem o foco do presente artigo.

Embora as atividades da Casa Fonte Colombo estejam mais diretamente ligadas à assistência aos portadores do HIV, nossa observação e acompanhamento ao longo do período permite pensar a Casa como produtora de uma nova cultura acerca da aids, em particular acerca da prevenção à aids. As ações e escritos que derivam da casa acarretam uma multiplicação na produção de sentidos sobre a aids, e se caracterizam por seu caráter propositivo. Cada situação nova que aparece na Casa, trazida pelos usuários, alimenta uma reflexão que procura encontrar a melhor saída, atendendo simultaneamente aos valores da igreja quanto às urgências da situação narrada. Isso é válido para temas como a idade de iniciação sexual, a interrupção da gravidez, a prostituição como profissão, as relações homem mulher ou a expressão da orientação sexual. Na Casa Fonte Colombo o chamado usuário, expressão que designa em geral uma pessoa portadora do HIV ou já com aids, ajuda a produzir uma nova teologia da prevenção, por conta das situações que traz para reflexão. O diálogo dos freis e das voluntárias com os usuários poucas vezes se caracteriza pelo esforço em "transmitir a lição da igreja católica", embora esta dimensão esteja presente em momentos e aspectos particulares. O diálogo com os usuários parece servir mais para multiplicar as perguntas em torno da aids, e trazer elementos para novas reflexões no interior do pensamento católico, originando daí um conjunto de conhecimentos e afirmações sistematizadas pelos freis em palestras e nas entrevistas, que estamos designando de teologia da prevenção.

3. A produção das masculinidades

Neste item vamos apresentar e discutir o processo que estamos nomeando de "produção das masculinidades", bem como as noções de masculinidade hegemônica e subalterna, em associação com a idéia de produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas, que constituem elementos importantes de nossa "tese".

Conforme discutido por diversos autores embora de diferentes formas (dentre eles ALMEIDA, 1996; CONNELL, 2003; ARILHA, 1998) as pesquisas sobre gênero enfatizaram, em seu início, os estudos sobre a condição das mulheres, associando fortemente o termo gênero à expressão estudos de mulheres. Nos últimos dez anos cresceu de forma significativa o número de pesquisadores e artigos que problematizam o gênero masculino, ou a formação de identidades masculinas. Cresceram as pesquisas e artigos, e cresceu também na mídia o discurso sobre a chamada crise das masculinidades, crise esta interpretada, justificada, explicada e demonstrada dos modos mais diversos, com argumentos que recorrem a uma profusão de teorias, explicações, motivos, razões, e apontam para "saídas" às mais diferentes da suposta crise. Cresceu também na mídia a invenção dos estilos, tipos ou identidades das "novas masculinidades"¹². Atualmente encontramos matérias que buscam esclarecer aos leitores (e em alguns casos em especial às leitoras) quem são e o que são os homens metrossexuais; os homens grávidos; os emoboys; os homens uberssexuais; os retrossexuais; os maridos sensíveis; os homens que atuam como pai e mãe; os homens que permanecem no trabalho doméstico enquanto a mulher trabalha fora; os homens que ao casar assumem o sobrenome da esposa; os homens que recebem salários menores do que sua esposa; os homens bissexuais; os alternativos; os homens que freqüentam salão de beleza; os homens que se depilam; os homens vaidosos; etc. Em paralelo com essa profusão de "novas masculinidades", cresceram as manifestações que reafirmam aquilo que é percebido e nomeado muitas vezes de "essência da masculinidade", e que aparece em movimentos do tipo "homem com H" e em designações como machão moderno; machão fora de moda; homem que não se submete à moda; tarzan civilizado; e em

¹² O número de artigos, reportagens, números especiais de revistas, cadernos encartados em jornais, etc. é gigantesco. Apenas para exemplificar do que estamos falando (e isto para ficar restrito ao material impresso, desconsiderando programas de TV e rádio e sítios na internet e comunidades no orkut) citamos: Revista Veja Edição Especial Homem de outubro de 2003; Revista Casa Vogue Ano XXV número 195; Donna ZH de 10 de abril de 2005; matéria O Rótulo da Hora Revista Veja 24 de agosto de 2005; Revista da Folha 3 de dezembro de 1995; Revista Veja 2 de março de 2005; Revista IstoÉ de 5 de junho de 1996.

propagandas que acentuam para os homens comportamentos do tipo "coma como homem" ou "beba como homem, e pronto" ¹³.

O sumarássimo panorama que fornecemos acima serve para introduzir uma idéia fundamental: temos um conjunto de processos e modos de construção histórica e manutenção política e social das masculinidades, que são variáveis no tempo, de acordo com cada contexto específico. Atualmente, a produção de modos masculinos de ser encontra-se sob tensão em especial por demandas provenientes do movimento feminista e do movimento gay, mas também dos novos desenhos no campo profissional, das modificações na estrutura familiar, do acesso cada vez maior de mulheres aos níveis mais elevados de escolaridade; de mudanças na legislação civil; das enormes mudanças tecnológicas e sua apreensão por movimentos sociais; etc. Segundo Connell (1995, 1997, 2003) as diferentes expressões da masculinidade não se distribuem ao acaso e muito menos ostentam iguais índices de aceitação e privilégios. Ou seja, não se trata apenas de identificar e nomear modos de ser homem, enfatizando a suposta diversidade que hoje existe na sociedade. Trata-se de perceber as relações de poder que existem entre estes modos. Podemos reconhecer, em cada organização social, em cada período histórico, em cada país, em cada arranjo social, uma hierarquia que ordena os modos de viver a masculinidade. A dupla premissa que orienta esta construção hierárquica é a dominação dos homens sobre as mulheres e a dominação dos homens sobre outros homens. No topo desta hierarquia temos o que Connell denomina de masculinidade hegemônica. Ela corresponde a um conjunto de características que permite exercer domínio sobre outras masculinidades e sobre as feminilidades. O atributo da hegemonia remete as clássicas noções gramscianas de geração de consensos, de predominância, de convencimento no âmbito cultural, de uso de força, mas não a força bruta, e por raras vezes de violência, de liderança, de superioridade e de supremacia:

O que se entende por “masculinidade”? Deixem-me oferecer uma definição – breve, mas razoavelmente precisa. A masculinidade é uma configuração de práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse

¹³ Não faltando mesmo grande número de testes para que os homens verifiquem se continuam machos ou não, como podemos encontrar em http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/280606/teste_macho.html, último acesso feito em 23 de abril de 2008.

fato, tem-se tornado comum falar de “masculinidades”. Existe o perigo, nesse uso, de que possamos pensar no gênero simplesmente como um *pout-pourri* de identidades e estilos de vida relacionados ao consumo. Por isso, é importante sempre lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas. (CONNELL, 1995, p. 188)

No topo da escala temos a masculinidade hegemônica, que diz respeito a um conjunto de atributos que varia historicamente, e varia numa mesma cultura, em função do contexto que recortarmos. Isso porque o topo da pirâmide é uma situação ideal, funciona como um marcador social. No caso brasileiro, podemos dizer que são atributos da masculinidade hegemônica: ser um homem branco; nascido e vivendo na região sudeste ou sul e no ambiente urbano; claramente heterossexual; adulto jovem e com nível de escolaridade superior; com emprego em instituição financeira conhecida e num posto de gerência; com altura em torno de 1,80m e peso compatível; esportista com algum destaque em alguma modalidade; bonito sem parecer demasiadamente produzido; casado com uma esposa que também seja branca (e com nível superior de estudos, que exerça uma profissão importante, mas claramente inferior em termos de salário e poder do que a profissão do marido); livre de doenças (ou talvez com alguma alergia a um produto bastante específico e raro, como ser alérgico a cardamomo ou a tomilho); que tenha um carro importado. Enfim, podemos seguir listando atributos desta ordem. Dificilmente encontraremos um indivíduo que reúna todas estas condições, de maneira clara e evidente. Basta ver que o indivíduo não permanece adulto jovem o tempo todo, e nem consegue manter recordes esportivos a vida toda. Ou seja, este "kit" completo de atributos funciona como sinalizador, e mantém muitos homens ocupados em tentar reunir a maior parte dos atributos o tempo todo.

Abaixo da masculinidade hegemônica, desfrutando de uma "quantidade" menor de poder, temos um conjunto de modos de ser homem que podemos denominar de masculinidades cúmplices. Não possuir o atributo, mas de alguma forma valorizar sua importância, procurando associar-se a ele, é uma das estratégias utilizadas por um conjunto de homens, que com isso desfruta de alguns dos benefícios de poder derivados da hegemonia. Ainda mais abaixo em termos de poder, temos um conjunto de homens portadores de atributos que claramente lhes situam nas masculinidades subordinadas. São portadores de atributos não valorizados socialmente, e que se opõem de modo direto a atributos da hegemonia. A masculinidade homossexual é talvez o melhor

exemplo, por desfrutar de uma visibilidade e garantias legais na sociedade atual, mas constituir ainda um fator claro de discriminação no ambiente profissional, no ambiente escolar, nos programas de saúde, nas situações de previdência e testamento, etc. As estratégias de luta de parte importante do movimento homossexual brasileiro podem ser lidas como estratégias de conquista de alguns dos atributos da masculinidade hegemônica: direito de servir nas forças armadas; direito de constituir família; direito de casar ou manter união civil estável entre dois indivíduos do mesmo sexo; direito de adotar filhos a partir da constituição da união estável; direito de gerar filhos com o uso das tecnologias reprodutivas atualmente disponíveis; etc.

Na posição mais inferior desta escala de poder temos um conjunto de masculinidades claramente rejeitadas, onde combinações de orientação sexual; classe econômica; raça, etnia e geração – e outros atributos – podem tornar o indivíduo vulnerável socialmente à violência, à infecção pelo HIV; a ser empurrado para atividades de risco e a mortes prematuras. Podemos pensar em um homem homossexual negro, pobre e já tendo ultrapassado a idade jovem. Podemos pensar em um jovem heterossexual pardo ou mulato e já agregado a alguma máfia ligada ao tráfico de drogas. Neste terreno temos aquelas masculinidades claramente criminosas, o que justifica os programas que investigam as "mentes criminosas", em geral mentes de indivíduos masculinos, portadores de um conjunto de atributos rejeitados socialmente.

Pensando as feminilidades a partir dessa mesma noção de distribuição do poder masculino, Connell reconhece alguns arranjos. A posição de topo corresponde ao que ele chama de feminilidade enfatizada, aquela feminilidade que se "encaixa" à perfeição nas demandas da masculinidade hegemônica. Em palavras mais claras, ela corresponde ao que o ditado popular diz: "por trás de todo grande homem existe uma grande mulher". As esposas de embaixadores (as embaixatrizes, não confundir com as embaixadoras) e muitas das esposas de políticos, em especial aqueles que ocupam cargos no executivo (prefeito, governador, presidente) são ótimos exemplos desse arranjo de atributos: são mulheres que se ocupam, diariamente, em realizar tarefas que contribuem de modo direto para o sucesso do marido. A realização destas atividades lhes garante também um "quantum" de poder, claramente delimitado pelas áreas e atividades do marido. Numa posição inferior temos um conjunto de feminilidades subalternas, que correspondem à maioria das possibilidades de arranjo, em que a mulher

desfruta de privilégios menores e condição de poder inferior ao homem. Nesta situação estariam a maior parte das mulheres, com salários menores do que os homens, encargos menos importantes do que os homens, tarefas domésticas que se somam à jornada de trabalho externa, menores possibilidades de estudo e de progresso na carreira, etc. E temos as feminilidades resistentes, aqueles arranjos em que os atributos que definem a identidade feminina apontam claramente para uma situação de confronto com as regalias e privilégios masculinos, em que as mulheres competem na repartição de poder tradicionalmente destinada aos homens, e que podem situar-se em diferentes graus dessa escala hierárquica.

Apresentado este desenho mais geral de como pensamos na distribuição de poder na construção de masculinidades e feminilidades, ressaltamos agora a noção de simultaneidade, em parte já apontada no início deste item, quando enfatizamos que não crescem apenas as novas masculinidades, crescem também os movimentos que valorizam as velhas masculinidades, e isto tudo de modo simultâneo:

[...] diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela. (CONNELL, 1995, p. 189)

Aquilo que se define como modalidade hegemônica da masculinidade está em relação direta com o que ao mesmo tempo se define como possibilidades de arranjos subalternos em termos de poder. Indo mais adiante, segundo Kimmel (1998), é equivocado pensar que homens situados no patamar da masculinidade subalterna simplesmente devem buscar ascender para então ingressar na masculinidade hegemônica, tal como um dia se imaginou que países subdesenvolvidos deveriam trilhar o caminho que os levaria ao desenvolvimento, e a melhor forma de fazer isso seria copiando o percurso feito pelos países desenvolvidos.

De modo muito diverso, o que temos é que a existência de homens situados no patamar da masculinidade hegemônica implica o posicionamento de outros em níveis subalternos. O conjunto de atributos que uma sociedade estabelece como sendo

privilégio da masculinidade hegemônica cria-se de modo articulado e simultâneo com o conjunto de atributos que será posicionado como subalterno. E não há uma fronteira absolutamente clara de quando um indivíduo deixa a condição subalterna e ingressa numa condição hegemônica, desfrutando dos privilégios dali decorrentes. O caminho inverso também não é nitidamente sinalizado, ou seja, é impossível assinalar de modo claro quando um homem perde tal quantidade de atributos que passa a uma condição subalterna. Os ideais hegemônicos de masculinidade são constantemente criados e recriados, e isso ocorre de modo diferenciado em cada cultura, em cada período histórico, e mesmo no decorrer da vida de cada indivíduo em particular. Esta criação e recriação dos ideais de masculinidade hegemônica é processo que acontece em relação a uma produção simultânea dos atributos que definem as masculinidades subalternas, bem como as modalidades de feminilidade enfatizada e resistente, num jogo de poder que comporta um grau de tensão política que não obedece a padrões pré-determinados ou absolutamente previsíveis.

A tradicional figura do padre católico, analisada segundo as categorias acima citadas, permite pensar que alguns atributos importantes de masculinidade hegemônica não estão presentes na construção da masculinidade dos padres. O exercício da paternidade e as relações com mulheres são dois exemplos. Um padre não pode gabar-se de conquistas sexuais e/ou amorosas, e também não pode mostrar sua prole, como em geral fazem outros homens. Entretanto, outros atributos permitem situar os padres como figuras que desfrutam da posição hegemônica da masculinidade, em especial o trato com o sagrado, o pertencimento a uma instituição poderosa, o grau de estudo, a posição de poder influenciar pessoas, o convívio com autoridades políticas. Nossa busca por artigos que problematizassem a figura do padre sob a ótica da construção das masculinidades não foi frutífero, e não permite então que se apresente uma resenha de pesquisas.

De posse desse conjunto de reflexões acerca da masculinidade, e tendo situado nosso local de observação, a Casa Fonte Colombo, passamos agora a algumas reflexões que articulam estes conhecimentos todos.

4. Identidades masculinas e posições frente à aids

O convívio prolongado com coordenadores, usuários e voluntários da Casa Fonte Colombo fez com que muitos deles passassem da condição de "informantes" para aquela de "interlocutores", o que é especialmente válido para os integrantes da coordenação. Isso pode ter como efeito, em algumas passagens, que neste texto a reflexão analítica seja feita com falas dos interlocutores, que a nós pareceram muito apropriadas para descrever o que víamos, indicando uma comunhão de opiniões entre pesquisador e pesquisado. Também indica que não apenas analisamos, mas também apreciamos os modos de produção das masculinidades em conjunto com a elaboração de uma "teologia" da prevenção à aids no interior da Casa Fonte Colombo.

Retomamos nossa "tese": acreditamos que no interior da Casa, através das relações que nela se dão, temos a produção de um conjunto de princípios que dão corpo a uma "teologia da prevenção à aids", de corte nitidamente progressista quando comparada com as declarações de autoridades da igreja católica; e que esse processo se dá de modo simultâneo à produção de uma masculinidade não hegemônica em especial por parte dos freis, quando comparada com os modelos vigentes na maior parte da instituição igreja. Em outras palavras, temos novidades tanto na produção de idéias quanto na produção de pessoas no interior da Casa Fonte Colombo. O enfrentamento com a epidemia de aids origina novas identidades e novos conceitos, num ambiente católico. Tendo em vista uma série de problemas técnicos em analisar as entrevistas e o extenso diário de campo que já temos, nesta versão do texto não conseguiremos trabalhar os depoimentos e citações do diário de modo concreto. Apresentamos então apenas uma listagem comentada dos aspectos que mais nos chamaram a atenção e que nos permitem falar desse processo simultâneo.

Este processo de simultaneidade na construção de uma teologia progressista e de uma masculinidade não hegemônica pode ser percebido de modo mais claro nas seguintes situações na Casa:

a) a tradição franciscana de opor-se à hierarquia rígida, e as noções de fraternidade e de irmandade, que parecem alimentar a construção de uma masculinidade que enfatiza mais o "ser irmão" do que o "ser pai". Vale lembrar que a palavra padre remete de forma direta a idéia de pai (aliás, em espanhol é a mesma palavra). A carga de

autoridade contida na palavra padre é superior aquela da palavra irmão, ou frei, como são conhecidos os coordenadores da Casa. Há uma construção importante, na nova teologia da prevenção, de que a ajuda da igreja se dá no nível de irmão para irmão, então não cabem imposições de dogmas. Vale ressaltar que a noção de irmão operada na Casa carrega um diferencial de poder, que se expressa no fato de que a Casa é vista como lugar de irmãos mais velhos, com estrutura, que acolhem irmãos mais novos (não necessariamente em idade cronológica), mas de toda forma irmãos carentes de estrutura. O irmão que ampara está investido de maior autoridade do que o irmão que é amparado. Mas a relação é vivenciada como uma relação de irmãos. É o que possibilita uma qualidade na acolhida, ponto seguinte.

b) a forte ênfase no acolhimento dos doentes de aids, nos rituais de acolhida, de inclusão, fazendo com que os freis tenham desenvolvido modos de acolher muito respeitosos em relação à diversidade que reina entre os usuários, que manifestam preferências ou comportamentos que na maior parte dos casos não estão "adequados" à moral religiosa oficial. É possível verificar que a idéia de acolhimento, levada às últimas conseqüências, revela certa "permissividade" em relação a outros modos de viver. Um exemplo disso é a opinião manifestada por muitos coordenadores e voluntárias acerca da idade em que se deve iniciar a vida sexual: a idade em que os dois consentem livremente. Isso está em claro desacordo com as orientações da igreja católica oficial, mas permite acolher a maior parte dos indivíduos que procuram a casa. Esta ênfase no acolhimento é acompanhada de uma fraca estratégia de evangelização, nosso próximo ponto.

c) diferente de outros locais já pesquisados por nós, em especial algumas obras assistenciais das igrejas pentecostais, na Casa Fonte Colombo o acolhimento não vem acompanhado da idéia de conversão, não se busca transformar em católicos os sujeitos que ali vem. Ainda não temos claro o que se esboça na Casa como uma prática de evangelização, mas é visível que ela não ocupa o centro das estratégias. Veja-se que temos no grupo de usuários indivíduos com preferência sexual homossexual; homens e mulheres com construções de gênero em que há atravessamento de atributos tradicionalmente tidos como masculinos ou femininos; homens e mulheres que se prostituem e não pensam em largar esta atividade; travestis, homens e mulheres usuários de drogas; mulheres que buscam aconselhamento para abortar; homens e mulheres que

realizam uniões com indivíduos do mesmo sexo; homens e mulheres que buscam aconselhamento para separar-se do cônjuge; e sobretudo temos uma diversidade de pertencimentos religiosos. Todas estas situações estariam a clamar por um esforço de conversão ou evangelização à fé católica. Não é o que se observa, mas reconhecemos que este ponto precisa de muito aprofundamento.

d) a Casa Fonte Colombo, conforme já referimos anteriormente, é sustentada em parte (não foi ainda possível determinar exatamente em que proporção) por verbas públicas, aos quais ela tem acesso via concurso a partir de editais, em que disputa com outras ONGS, ou por conta de projetos chamados pelos programas de aids de estratégicos. O uso de dinheiro público por parte da instituição, que é religiosa, colabora para que o componente evangelizador não tome a dianteira do trabalho. Aqui temos um ponto a ser aprofundado, que se refere ao tema da laicidade do estado e do seu trato com as instituições religiosas, que são recrutadas por vezes para execução da política pública. A Casa Fonte Colombo mostra-se, no seu desenho interno, de modo muito parecido a uma clínica médica. Ela lembra um serviço de saúde, bastante bem organizado. E o discurso da Casa acerca do tratamento e da cura está absolutamente afinado com as diretrizes do PNDSTAIDS. Estes pontos são enfatizados pelos coordenadores e voluntárias, que buscam assim colocar a instituição no mesmo patamar que aquelas da política pública.

e) a ênfase do trabalho na casa é a do cuidado, atividade tradicionalmente feminina, e que aqui é realizada numa comunidade que opera segundo os ensinamentos de São Francisco, e na qual os freis são ativos coordenadores, não se limitando a um trabalho "de gabinete", mas atuando diretamente no cuidado dos indivíduos, e subvertendo um tanto a regra de que mulheres cuidam e homens coordenam – ou mandam. Os exemplos que já citamos de massoterapia e reiki são elucidativos. Em que outro lugar católico um usuário pode ser massageado por um frei? O modo como os freis executam as atividades de cuidado colabora para a formação de uma masculinidade claramente afastada da masculinidade hegemônica.

f) a noção de caridade pastoral é mobilizada constantemente para efetuar uma "releitura" dos princípios e dogmas da igreja, no sentido de produzir interpretações que possam confortar e acolher o doente de aids, e não excluí-lo. Isto revela um esforço intelectual voltado para "os de baixo", que implica tensionar o que foi escrito, legislado,

produzido por indivíduos situados no andar "de cima" da hierarquia católica. Em outras palavras, muitas vezes nos defrontamos com situações em que "passar a regra da igreja" era muito menos importante do que acolher o indivíduo, reconhecendo que ele pode viver, e bem, sem ser na regra da igreja.

g) os freis referem muitas vezes que seu trabalho é um trabalho de humanização, de tornar sujeitos humanos indivíduos que viviam a margem da sociedade. Esta humanização é feita na ótica do cuidado do outro, que implica um cuidado de si. Este cuidado de si remete a evitar a tentação do trabalho puramente de gabinete, de coordenação, e nisso a Casa Fonte Colombo faz uma crítica, discreta, a atuação de muitas outras lideranças da aids, vistas como "empresários" da epidemia, que já não reconhecem o que se passa "na base".

Acerca destas situações, bem como de outras, a apresentação oral irá debater com mais exemplos e reflexões, buscando articular em cada uma delas a produção de uma teologia progressista em estreita relação com uma masculinidade repleta de atributos não hegemônicos. Reconhecemos a limitação na escrita deste texto, em que foi possível descrever a situação, mas agregar poucos elementos para efetivamente refletir sobre nossa "tese". Uma segunda versão do texto, produzida para apresentação oral, e acrescida das críticas dos comentaristas do Fórum de Pesquisa, acreditamos terá mais densidade.

5. Bibliografia

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso no sul de Portugal**. Anuário Antropológico/95, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996

ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G.U.; MEDRADO, Benedito. **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo, Editora 34, 1998

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. In.: Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, UFRGS, Faculdade de Educação, v. 20, nº 2, Dossiê Gênero e Educação, jul/dez 1995 p. 133-184

BOURDIEU, Pierre. **La dominación masculina revisitada**. In.: Archipiélago Cuadernos de Crítica de La Cultura, p. 9-22, n. 67, octubre 2005, Madrid

CONNELL, Robert William. **Masculinidades**. UNAM/PUEG, México, 2003

CONNELL, Robert William. **Políticas da Masculinidade**. Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 185-206, jul/dez. 1995

CONNELL, Robert William. **La organización social de la masculinidad**. In.: VALDÉS, Teresa & OLAVARRÍA, José. Masculinidad/es, poder y crisis. Chile, Flacso, 1997, p. 31-48

DEBOM, Elaine; MONTANARI, Giulliana; BERNARDI, Osman. **Como os portadores de HIV convivem com a exclusão social?** Porto Alegre, PUCRS, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Curso de Ciências Sociais, 2007 (mimeo), 13p.

GIUMBELLI, Emerson. Religião, Estado, modernidade: notas a propósito de fatos provisórios. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 52, 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de abril de 2008

KIMMEL, Michael S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. In.: Horizontes Antropológicos, UFRGS/IFCH, PPGAS, Porto Alegre, outubro de 1998, Ano 4, n. 9, p. 103-117